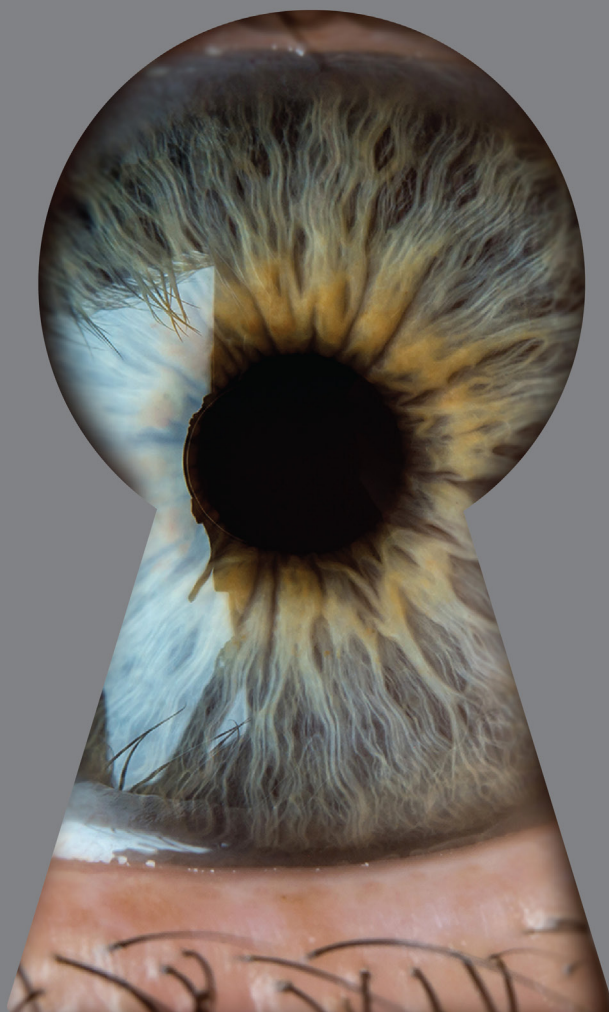


VOL III

# Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão  
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro  
Gustavo Adolfo Juarez  
(Organizadores)

 EDITORA  
ARTEMIS  
2021

VOL III

# Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão  
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro  
Gustavo Adolfo Juarez  
(Organizadores)

 EDITORA  
ARTEMIS  
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

<b>Editora Chefe</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora Executiva</b>	M. <sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin
<b>Direção de Arte</b>	M. <sup>a</sup> Bruna Bejarano
<b>Diagramação</b>	Elisangela Abreu
<b>Organizadoras</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
<b>Imagem da Capa</b>	Artem Oleshko
<b>Bibliotecário</b>	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### Conselho Editorial

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba  
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha  
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay  
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México  
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile



Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas  
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, USA*  
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*  
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros  
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*  
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*  
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista  
 Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás  
 Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo  
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*  
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista  
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe  
 Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto  
 Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia  
 Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão  
 Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal  
 Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría", Cuba*  
 Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras  
 Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense  
 Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras  
 Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia  
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará  
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí  
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
 Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal  
 Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal  
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*  
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa  
 Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande  
 Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol III / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-39-2

DOI 10.37572/EdArt\_290621392

1. Ciências humanas. 2. Humanidades. Desenvolvimento Sustentável. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

## APRESENTAÇÃO

### **AMBIENTE, DESARROLLO SUSTENTABLE, GERENCIAMIENTO**

*“Só quem pode surgir com o povo é o novo.*

*E o novo são as crianças.*

*Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos” ...*

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio

São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este libro titulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge mientras transitamos un momento muy particular para nuestra especie humana, en donde se ve amenazada su existencia en forma global. Es por ello, que debe valorarse el esfuerzo de numerosos autores e investigadores que todavía sienten la necesidad y el deseo de entregar sus esfuerzos en la causa de la difusión de resultados de sus trabajos científicos.

Mientras esperamos soluciones, que resguarden al bienestar en la Salud y con ello en la recomposición de la Economía y Educación, por el retraso que esta situación pandémica produce, queda la esperanza de que el replanteo social en las estructuras de las sociedades nos lleven a valorar los resultados que hasta ahora nos ha permitido sobrevivir. Por lo tanto, en esta obra, donde el conjunto de capítulos reflejan la inherente participación en la diversidad de temáticas planteadas, que están agrupados trabajos considerados desde el perfil profesional de cada temática asumida por autores de diversos lugares del planeta.

En el Tercer Volumen, que tiene como eje temático **AMBIENTE, DESARROLLO SUSTENTABLE, GERENCIAMIENTO**, la temática del ambiente, a través de estudios locales en búsqueda de un mejor aprovechamiento de recursos, que aporten a desarrollar energías y mantener beneficios naturales, hacen que las propuestas sustentables sean tratadas desde enfoques académicos como desde el gerenciamiento. Así las políticas agrícolas, la planificación territorial, se presentan bajo estudios históricos y actuales.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

## APRESENTAÇÃO

### MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, GESTÃO

*“Só quem pode surgir com o povo é o novo.  
E o novo são as crianças.  
Com elas, poderão vir as respostas que não encontramos”...*

“...Poxa, até que essa geração mais velha tem algo a oferecer”

Ubiratan D´Ambrosio  
São Paulo, 8 de Diciembre de 1932 - 12 de Mayo de 2021

Este livro, intitulado **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**, surge enquanto vivemos um momento muito particular para nossa espécie humana, onde sua existência está ameaçada globalmente. Por este motivo, deve ser valorizado o esforço de inúmeros autores e investigadores que ainda sentem a necessidade e o desejo de se empenharem na causa da divulgação dos resultados dos seus trabalhos científicos.

Enquanto esperamos por soluções que protejam o bem-estar na Saúde e com ela na recomposição da Economia e da Educação, pelo atraso que esta situação pandêmica produz, espera-se que o repensar social nas estruturas das sociedades nos leve valorizar os resultados que até agora nos permitiram sobreviver. Portanto, nesta coletânea, onde o conjunto de capítulos refletem a participação inerente à diversidade das questões levantadas, se agrupam obras consideradas a partir do perfil profissional de cada disciplina assumida por autores de diversas localidades do planeta.

No Terceiro Volume, que tem como eixo temático MEIO AMBIENTE, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, GESTÃO, o tema do meio ambiente, por meio de estudos locais em busca de um melhor aproveitamento dos recursos, que contribuam para o desenvolvimento de energias e manutenção dos benefícios naturais, fazem propostas sustentáveis são tratadas a partir de diferentes abordagens acadêmicas e gestão. Assim, as políticas agrícolas, de planejamento territorial, são apresentadas sob a forma de estudos históricos e atuais.

Esperando que esses trabalhos sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO  
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

TRANSFORMACIONES AGRARIAS Y NUEVOS PAISAJES RURALES EN EL MUNICIPIO DE YECLA (ESPAÑA)

[Francisco José Morales Yago](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2906213921**

### **CAPÍTULO 2..... 18**

EXTRACTIVISMO, FUERZAS PRODUCTIVAS Y REESTRUCTURACIÓN AGRARIA EN PARAGUAY

[Ramón Fogel](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2906213922**

### **CAPÍTULO 3.....30**

LA CUESTIÓN AGRARIA CUBANA ACIERTOS Y DESACIERTOS EN EL PERIODO DE 1975-2013: LA NECESIDAD DE UNA TERCERA REFORMA AGRARIA

[Tatiana Wonsik Recompensa Joseph](#)

[Lázaro Camilo Recompensa Joseph](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2906213923**

### **CAPÍTULO 4 ..... 57**

DE LA ENCOMIENDA A LOS CONDOMINIOS: CAMBIOS SOCIALES EN LA PROPIEDAD Y TENENCIA DE LA TIERRA DE LOS CRIADORES DE CAMÉLIDOS SUDAMERICANOS

[Eliseo Zeballos Zeballos](#)

[Paquita Lourdes Velásquez Alarcón](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2906213924**

### **CAPÍTULO 5..... 78**

UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA DESCENTRALIZAÇÃO INSTITUCIONAL DAS POLÍTICAS RURAIS BRASILEIRAS PARA A INCLUSÃO SOCIOECONÔMICA DO PEQUENO PRODUTOR A PARTIR DA DÉCADA DE 1930

[Cristian Arnecke Schröder](#)

[Adrielli Santos de Santana](#)

[Carlos Eduardo Ribeiro Santos](#)

[Lessí Inês Farias Pinheiro](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_2906213925**

**CAPÍTULO 6 ..... 90**

WIRIKUTA Y XOCHICALCO: UN ANÁLISIS COMPARATIVO DE LA LUCHA DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS POR EL PATRIMONIO BIOCULTURAL

Coral Giseth García Haj  
Armando Sánchez Albarrán

**DOI 10.37572/EdArt\_2906213926**

**CAPÍTULO 7 ..... 104**

LA ORDENACIÓN TERRITORIAL Y LAS FUENTES RENOVABLES DE ENERGÍA

María Rodríguez Gámez  
Antonio Vázquez Pérez  
Wilber Manuel Saltos Arauz  
Guillermo Antonio Loor Castillo  
Carlos Gustavo F. Villacreses Viteri

**DOI 10.37572/EdArt\_2906213927**

**CAPÍTULO 8 ..... 117**

PLANIFICACIÓN ESTRATÉGICA TERRITORIAL EN RELACIÓN DEL PLAN ESTRATÉGICO DE ROSARIO, ANÁLISIS TEÓRICO Y METODOLÓGICO

Elián Gabriel Babini

**DOI 10.37572/EdArt\_2906213928**

**CAPÍTULO 9 ..... 138**

A POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL E A ANÁLISE DA DINÂMICA DO DISTRITO INDUSTRIAL DE NOSSA SENHORA DO SOCORRO/SERGIPE

Elmer Nascimento Matos  
Daniela Mércia Santos  
Wesley Santos

**DOI 10.37572/EdArt\_2906213929**

**CAPÍTULO 10 ..... 158**

MAR DEL PLATA: TRANSFORMACIONES EN SU GEOGRAFÍA URBANA A INICIOS DEL SIGLO XXI: PLANIFICACIÓN ESTRATÉGICA, SEGURIDAD Y ESPACIO PÚBLICO

Alberto Roque Villavicencio

**DOI 10.37572/EdArt\_29062139210**



**CAPÍTULO 11..... 173**

CORPO CAIÇARA E SUAS RAÍZES

[Bruno Tavares Magalhães Macedo](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_29062139211**

**CAPÍTULO 12..... 189**

PERSPECTIVA DE LA RELACIÓN TERRITORIAL Y DE LOS PROCESOS HISTÓRICOS.  
¿QUÉ NOS NARRA LA EDUCACIÓN? LA VERDAD COMO ELEMENTO DE  
LIBERACIÓN

[Yetko Alexander Sierra Maira](#)

[Ulises Mauricio Díaz Sánchez](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_29062139212**

**CAPÍTULO 13..... 201**

RIO SÃO FRANCISCO, AS ÁGUAS ENCANTADAS E O DESENCANTO COM A  
TRANSPOSIÇÃO

[Loreley Gomes Garcia](#)

[Mayrinne Meira Wanderley](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_29062139213**

**CAPÍTULO 14..... 217**

ACTITUDES DE LOS ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS HACIA EL MEDIO AMBIENTE.  
UNA EXPERIENCIA INNOVADORA EN EL CAMPO DE LAS CIENCIAS AMBIENTALES

[Macarena Esteban Ibáñez](#)

[Luis Vicente Amador Muñoz](#)

[Francisco Mateos Claros](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_29062139214**

**CAPÍTULO 15..... 228**

LA GUERRA FRÍA ENTRE IRÁN Y ARABIA SAUDÍ Y LA RECONFIGURACIÓN DE  
ORIENTE MEDIO

[Ignacio Álvarez-Ossorio](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_29062139215**

**CAPÍTULO 16..... 241**

LA MIRADA CONSERVADORA DEL FRENTE POPULAR DESDE PROVINCIAS: PUENTE ALTO 1938-1941

[Reinaldo Hernández Catalán](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_29062139216**

**CAPÍTULO 17..... 251**

TENDIENDO PUENTES ENTRE DATACIÓN Y ARQUEOLOGÍA

[Christopher Duarte](#)

[Roberto Bracco Boksar](#)

[Ofelia Gutiérrez](#)

[Daniel Panario](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_29062139217**

**CAPÍTULO 18..... 260**

WORK DESIGN NA PERSPECTIVA DE GESTORES E NÃO-GESTORES: CARACTERÍSTICAS DA TAREFA

[Silvana Regina Ampessan Marcon](#)

[Líliá Aparecida Kanan](#)

[João Ignacio Pires Lucas](#)

[Magda Macedo Madalozzo](#)

[Sabrina Goettert Britto](#)

**DOI 10.37572/EdArt\_29062139218**

**SOBRE OS ORGANIZADORES..... 282**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 283**

# CAPÍTULO 6

## WIRIKUTA Y XOCHICALCO: UN ANÁLISIS COMPARATIVO DE LA LUCHA DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS POR EL PATRIMONIO BIOCULTURAL

Data de submissão: 05/04/2021

Data de aceite: 28/04/2021

**Coral Giseth García Haj**

Maestra en Sociología

Universidad Autónoma Metropolitana, México

<https://orcid.org/0000-0002-1245-9308>

**Armando Sánchez Albarrán**

Doctor en Sociología

Profesor Investigador del

Departamento de Sociología

Universidad Autónoma Metropolitana, México

CV

**RESUMEN:** Este estudio expone un análisis comparativo de la lucha del pueblo wixárika y del pueblo náhuatl en contra de empresas mineras, el primero ubicado en el territorio de Wirikuta, en el estado mexicano de San Luis Potosí, y el segundo, en la zona arqueológica de Xochicalco, Morelos. A pesar de las discrepancias geográficas y étnicas, en ambos casos existen varias coincidencias: el contexto sociopolítico; el significado simbólico y cultural del territorio; el modus operandi de las transnacionales; las estrategias de movilización de los actores sociales; la ambigüedad del Estado; el papel

de las nuevas tecnologías, y algunos aspectos de la productividad social del conflicto. Los principales enfoques son la Ecología Política, las teorías de los movimientos sociales y el análisis de los marcos de la acción colectiva como metodología, además de la revisión hemerográfica, etnografías y entrevistas a los principales líderes de ambos movimientos.

**PALABRAS CLAVE:** Conflicto socioambiental. Patrimonio biocultural. Extractivismo. Wirikuta. Xochicalco.

**WIRIKUTA AND XOCHICALCO: A COMPARATIVE ANALYSIS OF INDIGENOUS PEOPLES' STRUGGLE FOR BIOCULTURAL HERITAGE**

**ABSTRACT:** This paper presents a comparative analysis of the struggle of the Wixárika people and the Náhuatl people against mining companies, the former located in the territory of Wirikuta, in the Mexican state of San Luis Potosí, and the latter in the archaeological zone of Xochicalco, Morelos. Despite the geographical and ethnic discrepancies, there are several coincidences in both cases: the socio-political context; the symbolic and cultural meaning of the territory; the modus operandi of transnational corporations; the mobilization strategies of social actors; the ambiguity of the State; the role of new technologies; and some aspects of the social productivity of the conflict. The main approaches are Political Ecology,

theories of social movements and the analysis of collective action frameworks as methodology, in addition to the review of newspapers, ethnographies and interviews to the main leaders of both movements.

**KEYWORDS:** Socio-environmental conflict. Biocultural heritage. Extractivism. Wirikuta. Xochicalco.

## 1 INTRODUCCIÓN

Se presentan los resultados de dos investigaciones sobre conflictos socioambientales protagonizadas, el primero, por el pueblo wixárika, en el territorio de Wirikuta en San Luis Potosí y, el segundo, por el pueblo náhuatl del sur de Morelos. En ambos casos, se trata de la defensa del territorio y el patrimonio biocultural en contra de transnacionales mineras canadienses, haciendo énfasis en los efectos sociales que el conflicto produce y la forma en la que influyen en la transformación del orden social (Azuela & Mussetta, 2009).

México, ocupa el cuarto lugar y el primero en América Latina en cuanto a producción de minerales principalmente oro y plata. La minería constituye el cuarto generador de divisas netas pues aporta 22 mil millones de dólares y el 1.5% del producto interno bruto nacional. Lo anterior ha sido posible debido a que, en la década de los 90, el gobierno mexicano impulsó una serie de reformas estructurales mediante las cuales fue disminuyendo los derechos laborales y cívicos, tales como la salud, educación y cultura.

Uno de los cambios más importantes en el ámbito jurídico fue la cancelación de la reforma agraria con la modificación del artículo 27° constitucional en 1991, mediante la cual el Estado se obligaba a entregar tierra a los campesinos. Un año después, se reformó el artículo 6° de la Ley Minera, en el que se estableció que de encontrarse minerales en el subsuelo, la tierra pasa a ser considerada como de utilidad pública, con lo cual convierte a los antiguos propietarios en superficiarios. A raíz de esto, en 2011, el 26 por ciento del territorio nacional (56 millones de hectáreas) ya estaba concesionado a la industria minera, a pesar de que la mayor parte de esa superficie era propiedad colectiva (Enciso, 2011).

Este trabajo es analizado desde tres ejes. El primero, como parte de los proyectos extractivistas, llevando violencia y criminalización de la protesta, y que aparecieron debido al nuevo contexto de la economía mundializada en la que los gobiernos neoliberales se convirtieron en promotores aplicados del libre mercado promoviendo la inversión directa y externa.

Imagem 1. Sitio Sagrado de Tui Mayewe, Wirikuta, SLP. Fotografía tomada en 2014.



Para esto, se vieron obligados a modificar la estructura jurídica, reduciendo las competencias del Estado y ampliado el poder de decisión de las empresas nacionales e internacionales en diferentes ramas económicas con el fin de obtener ganancias a corto plazo (Svampa, 2011).

Algunos autores interpretan los proyectos mineros como procesos de acumulación por desposesión en donde los más afectados son los antiguos poseedores colectivos del suelo, o sea, campesinos e indígenas que quedan en una situación de vulnerabilidad en virtud de las reformas jurídicas neoliberales, a la pérdida de su territorio geográfico, simbólico y cultural (Tetreault, 2013). El aumento en el precio de las materias primas y metales preciosos, los transformó en activos financieros o “commodities” como una de las consecuencias más nefastas del modelo primario exportador es que impacta negativamente los territorios de los pueblos originarios (Harvey, 2004).

En segundo lugar, este estudio siguió como metodología *el análisis de los marcos de la acción colectiva*, que ayuda a distinguir las condiciones de producción y difusión de elementos ideológicos y culturales durante el proceso de transformación de la acción colectiva en movimiento social. De acuerdo a David Snow y Robert Benford (1992) un marco es: “es el conjunto de creencias y significados orientados hacia la acción, que legitima las actividades de un movimiento social”. Según ellos, los actores sociales organizan y enmarcan su experiencia a partir de marcos a partir de los que definen la

percepción de la problemática, los actores involucrados, las alternativas de solución, las estrategias, los argumentos y las consecuencias del conflicto.

Esta propuesta metodológica permite ubicar en la arena política a un actor protagonista (el pueblo wixárika y náhuatl), uno antagonista (transnacionales mineras y Estado mexicano), una audiencia (sociedad civil y organismos internacionales) y un problema (conflicto por las concesiones mineras en un área cultural e histórica con ecosistémicas de conservación prioritaria). En momentos críticos los actores sociales desarrollan competencias y habilidades, es decir, aprenden el proceso de enmarcado (*framing process*), como una estrategia para aumentar las capacidades de movilización. Durante este proceso los elementos simbólicos y culturales del pueblo wixárika y náhuatl, funcionan como un mecanismo social que “enlaza” a los integrantes del movimiento. Estos elementos son reformulados y transmitidos al interior de los grupos de forma diferente en cada ciclo de protesta y permiten una cohesión y un sentido de identidad mayor de los participantes y sus aliados (Chihú, 2006). En tercer lugar, el análisis se complementa desde el enfoque de la Sociología ambiental que busca examinar quiénes son los actores del proceso contencioso, las causas, y los efectos sociales de los conflictos ambientales a medio y largo plazo para comprender el modo en que transforman a la sociedad.

Para los fines de exposición, el primer apartado examina la lucha de los actores sociales por el patrimonio biocultural; el segundo, visibiliza la productividad social; mientras que en el tercero, se realiza un análisis comparativo de la lucha por el territorio de Wirikuta y Xochicalco. Al final, las conclusiones.

## 2 EL PATRIMONIO BIOCULTURAL DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS

Los pueblos indígenas reproducen sus culturas en espacios geolocalizados, y tienen una fuerte vinculación con el uso milenario de los recursos naturales y biológicos que conforman ensambles ecosistémicos y paisajes, que a su vez, están estrechamente relacionados con sus sistemas alimentarios, salud, conocimientos, técnicas e imaginarios socio ambientales organizados por su cosmovisión (Boege, 2017, p. 43).

El concepto de patrimonio biocultural tiene sus antecedentes en el 2005, con el intento de las Organización de las Naciones Unidas para superar la noción de patrimonio material e inmaterial, sin excluir la diversidad biológica. Al respecto, Boege (2008) lo define como:

“El patrimonio biocultural de los pueblos indígenas se traduce en bancos genéticos de plantas y animales domesticados, semidomesticados, agroecosistemas [paisajes bioculturales] plantas medicinales, conocimientos [tradicionales] rituales y formas simbólicas de apropiación de los territorios. En torno a la agricultura [los indígenas] desarrollan su espiritualidad e interpretan [de manera unitaria] su relación con la naturaleza. Las culturas indígenas participan de saberes y experiencias milenarios en el manejo de la biomasa y de la biodiversidad (Boege, 2008, pp. 19-24).

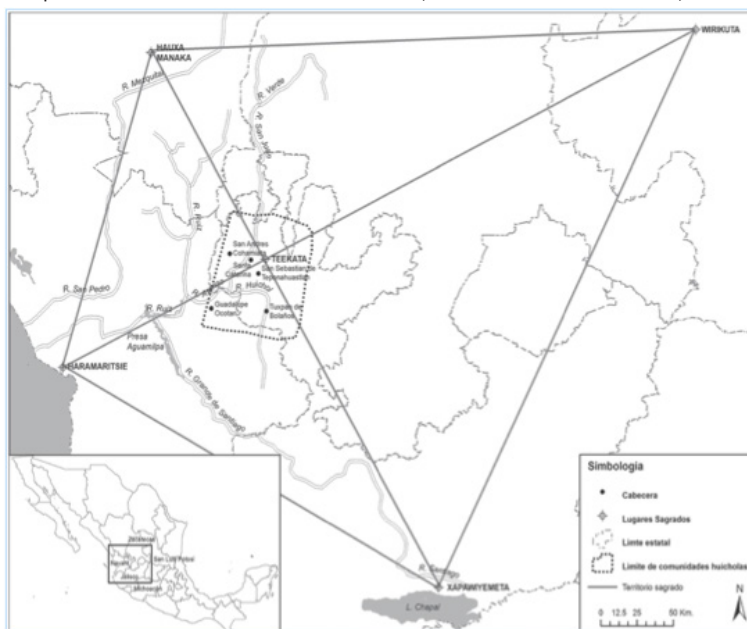
De esta manera la noción de patrimonio biocultural se transformó en un concepto decolonial que reivindica el derecho de la población originaria a la propiedad colectiva de la tierra y a la apropiación simbólica de las tradiciones ancestrales asociadas a dicho territorio a través de procesos culturales e históricos de las comunidades (Escobar, 2014).

La relevancia del patrimonio biocultural de los territorios indígenas reside en que abarca entre el 12 y 20 por ciento de las áreas del planeta bajo manejo humano en las que se concentran la más alta biodiversidad y la mayor diversidad cultural (Toledo, 2001). Los grupos étnicos wirráritari y nahuas no escapan a la catastrófica coincidencia de vivir en una zona susceptible de ser explotada por la minería y simultáneamente, ver amenazado su patrimonio biocultural frente a los actuales intereses del capital transnacional a través de los mega proyectos.

## 2.1 EL TERRITORIO BIOCULTURAL DEL PUEBLO WIXÁRIKA

A finales del 2009, el Gobierno mexicano expidió 22 concesiones mineras a la multinacional *First Majestic Silver* para la explotación de oro y plata. Lamentablemente, esos títulos abarcaban el 70 por ciento de la reserva de Wirikuta, un Área Natural Protegida de 140,000 hectáreas, habitada por campesinos de origen mestizo en su mayoría católicos y visitada regularmente por turistas nacionales y extranjeros. Al mismo tiempo, los wixaritari han peregrinado por ella desde hace cientos de años, debido a que es un lugar muy importante de su territorio cultural (UWACC, 2010).

Mapa 1. El territorio wixárika. Susan Alta Martin, Journal of Southwest Vol. 42, 2000.



La cultura wixárika tiene sus orígenes en la tradición cultural mesoamericana (2500 a. C.) y sus comunidades se encuentran asentadas a lo largo de 5,000 kilómetros cuadrados en el Occidente de México, en la región del Gran Nayar. Sin embargo, su territorio ceremonial abarca 90,000 kilómetros cuadrados (Liffman P., 2005). El patrimonio biocultural del pueblo wixárika tiene tres dimensiones. La primera, se refiere a la biodiversidad que existe en la reserva de Wirikuta, una árida reserva localizada en el *Complejo Ecorregional Desierto Chihuahuense*, uno de los tres desiertos con mayor diversidad riqueza en el mundo. La segunda, trata sobre las atribuciones simbólicas del territorio. Para el pueblo wixárika, Wirikuta es uno de los cinco principales lugares sagrados debido a que en él pasaron una serie de importantes acontecimientos míticos, razón por la cual, peregrinan anualmente para renovar la vida de todo el planeta (Pacto de Hauxa Manaka, 2008). La tercera, hace referencia a los instrumentos legislativos que salvaguardan aspectos de las dos dimensiones anteriores, entre los que destacan el Convenio 169 de la OIT sobre pueblos indígenas y tribales que hace referencia al derecho al territorio, a la consulta y la identidad indígena.

## 2.2 EL TERRITORIO BIOCULTURAL NÁHUATL

Morelos se ubica al sur de la Ciudad de México y colinda con el Estado de México, Guerrero y Puebla (Véase mapa 2). Los hablantes de náhuatl, se localizan los estados de Guerrero, Hidalgo, Oaxaca, Puebla, Tlaxcala, Veracruz, San Luis Potosí, Michoacán, Estado de México, Morelos y Durango, aunque el conflicto se ubica en Morelos en la zona arqueológica de Xochicalco.

Mapa 2. Xochicalco, Morelos. Elaboración





La zona sur de la entidad ha resentido en los últimos veinte años el impacto del capital inmobiliario que ocasionan problemas ambientales al invadir los terrenos agrícolas, además de los problemas del agua y la creación de tiraderos a cielo abierto. El proceso de expansión urbana también se expresa en la pretensión de nuevas carreteras, libramientos, gasolineras, centros comerciales y los consecuentes cambios en el uso del suelo, muchos de ellos en terrenos de propiedad social ejidal y comunal. En 2013 los campesinos advirtieron que los gobiernos federal y estatal, de signo conservador panista habían otorgado la concesión a una empresa canadiense para explorar y explotar las tierras en el sitio arqueológico de Xochicalco, considerado patrimonio cultural de la humanidad desde diciembre de 1999 por la UNESCO.

### 3 LA PRODUCTIVIDAD SOCIAL DEL CONFLICTO SOCIOAMBIENTAL

La noción de *Productividad Social* del conflicto es de ayuda para visibilizar los efectos sociales de los conflictos ambientales a medio y largo plazo y comprender el modo en que contribuyen a la transformación del orden social (Azuela & Mussetta, 2009).

De acuerdo a Gabriela Merlinsky ese concepto es entendido como la obtención de los alcances de esos conflictos en la deliberación pública, y los engloba en tres dimensiones. La primera es la productividad territorial, que se refiere los procesos de apropiación simbólica y control territorial; la segunda; la productividad jurídica, que se relaciona con la actualización del Derecho; y la tercera, la productividad institucional, que se enfoca en la influencia de los movimientos en los modelos de gestión estatal por medio de acciones, nuevas políticas ambientales y procesos de consulta (Merlinsky, 2013, p. 49). En conjunto, el concepto de productividad social trasciende la idea del éxito o fracaso de los movimientos sociales y se enfoca en las transformaciones que se producen en el territorio a lo largo del tiempo a través de acciones concretas que influyen en el desarrollo y el bienestar de sus habitantes.

#### 3.1 LA PRODUCTIVIDAD DEL CONFLICTO POR WIRIKUTA.

La lucha del pueblo wixárka por Wirikuta se entiende a partir de tres ciclos de protesta. El primero o ciclo de ascenso fue de 2010 a 2012, durante el cual se definió la arena política, comenzó a estructurarse el discurso político y se realizaron una serie de acciones con un gran impacto mediático que reivindican sus derechos colectivos como pueblos originarios. Entre sus acciones destacan el *Pronunciamiento en defensa de Wirikuta*, la marcha del 27 de octubre en la Ciudad de México; la comparecencia del CRW en la X sesión del Foro Permanente para las Cuestiones Indígenas de la ONU en

Nueva York, ambas en 2011. En 2012 se llevó a cabo el Peritaje Tradicional en el Cerro del Quemado, SLP, las Jornadas *Salvemos Wirikuta corazón sagrado de México* bajo la campaña mediática “*Wirikuta no se vende, se ama y se defiende*”; y el festival Wirikuta Fest en 2012. El segundo ciclo es de 2013 hasta 2015, y se caracterizó por la ampliación de los objetivos del movimiento y numerosas expresiones artísticas. El tercer ciclo fue de 2016 hasta el 2018, y aunque la conflictividad disminuyó las acciones continuaron difundiendo la problemática y buscando nuevas alianzas. Además, los habitantes de Wirikuta hicieron más notable su presencia conformando comités a favor y en contra de la minería.

En cuanto a la productividad territorial la percepción del conflicto pasó de ser un problema minero que afectaba a los lugares sagrados, a uno que afecta la disponibilidad de agua en toda la región. Wirikuta pasó a denominarse Altiplano-Wirikuta lo que denota una mayor presencia de los habitantes de los ejidos. Las peregrinaciones católicas e indígenas se mantuvieron constantes, pero el turismo aumentó y también se desarrollaron proyectos para fortalecer la cadena de producción y comercialización de productos agrícolas locales. Por otro lado, la productividad jurídica se interpuso el juicio de amparo el 18 de julio de 2011, con dos ampliaciones incluyendo el derecho al territorio, al derecho al medio ambiente sano y el principio jurídico pro persona. A pesar de que las concesiones no fueron canceladas, se han mantenido suspendidas hasta la fecha; y en 2019, el CRW se vinculó a la Barra Mexicana de Abogados. La productividad institucional, se fortalecieron los consejos vinculados con el Estado; la Peregrinación a Wirikuta se presentó como candidata a lista de Salvaguarda urgente del patrimonio cultural intangible en la UNESCO; y se fortaleció la infraestructura de los lugares sagrados. En 2018, una nueva etapa comenzó a partir del ascenso a la presidencia de Andrés Manuel López Obrador que a pesar de reestructurar las instancias responsables de pueblos indígenas aún no ha dado respuesta al conflicto del pueblo wixárika.

### 3.2 LA PRODUCTIVIDAD DEL CONFLICTO EN XOCHICALCO

El pueblo de Morelos ha mantenido una larga lucha por el territorio que sirve como antecedente a las luchas actuales, sobre sale la gesta revolucionaria encabezada por Emiliano Zapata por la defensa de la tierra en contra de los hacendados después de 1910. Después de 1970, la lucha por la tierra y los subsidios al campo, fue protagonizada por la Unión de Pueblos de Morelos; la Unión de Ejidos Emiliano Zapata (UEEZ); y otras organizaciones regionales. Los indígenas nahuas de Morelos habían luchado defendiendo las causas campesinas o urbanas, sin embargo, surgió un nuevo marco cultural en el que los pueblos originarios reivindicaron su lengua e identidad particular como pueblos originarios en el marco de la firma del Convenio 169 de la OIT y la conmemoración del

V Centenario del Encuentro de Dos Mundos en 1992; así como el levantamiento armado del Ejército Zapatista de Liberación Nacional (EZLN). Podemos destacar que en esa coyuntura el poblado de Xoxocotla se integró con otras cuatro comunidades indígenas más, al Consejo Supremo Náhuatl de Morelos que se integró al Consejo Nacional de Pueblos Indígenas. En 1992, los pueblos originarios conformaron el Consejo Morelense 500 años de Resistencia Indígena, Negra y Popular en Tepoztlán.

Las experiencias previas de luchas sirvieron de marco para solidarizarse por otras luchas por el territorio en la entidad. Destaca la solidaridad con el pueblo de Tepoztlán en contra de la construcción de un club de golf; las acciones contra la deforestación y la destrucción del patrimonio Cultural de Cuernavaca, cuando la empresa Costco intentó destruir el monumento morelense conocido como Casino de la Selva; la lucha de la comunidad de Ocotepéc por la defensa de predios colectivos contra la construcción de una megatienda: Soriana (Sarmiento, 1997). En 2007, “Los 13 Pueblos”, lucharon en contra de un proceso inmobiliario, representado por Casas Geo, que pretendía apropiarse del manantial chihuahueta. En 2011, un juez falló a favor de los 13 pueblos. En 2008, organizaron el II Congreso de Pueblos de Morelos contando con la presencia de 48 pueblos creando el “Consejo de Pueblos del Sur de Morelos”.

Durante el gobierno de Felipe Calderón y del gobernador Marco Adame Castillo, se otorgaron los permisos de exploración a la empresa canadiense Esperanza Silver, filial de Silvercorps en la zona arqueológica de Xochicalco, considerada como patrimonio mundial de la humanidad. La concesión otorgada en 2013, pretendía extraer 50 toneladas de oro y 500 de plata durante 15 años. La empresa inició los estudios geológicos desde 2003 hasta 2010, cuando tenía proyectado explorar y explotar la mina a cielo abierto en 2014. Para tal fin, Esperanza Silver de México, sería la empresa filial encargada de explotar la mina. La concesión se localiza a 17 kilómetros de Cuernavaca y a 500 metros de los vestigios arqueológicos de Xochicalco, considerados por la UNESCO como patrimonio cultural de la humanidad en 1999.

El primer ciclo de protesta, arrancó desde febrero de 1913 hasta marzo de 2013. En un inicio la sociedad civil de la región tuvo conocimiento de que la minera canadiense estaba operando en el municipio de Temixco para una mina a tajo abierto. En la primera fase de explotación se tenía contemplado explotar el cerro del Jumil. Ese lugar tiene un significado particular para la población indígena de la región ya que en la punta del cerro existen restos de un antiguo oratorio, que aún en la actualidad los indígenas llevan ofrendas. Esos lugares sagrados tienen un profundo significado en la cosmogonía de los pueblos originarios puesto que, como parte del sincretismo religioso, se trata de un lugar que cumple con una función importante para el

calendario agrícola y en la relación hombre-naturaleza. El Consejo de Pueblos del Sur de Morelos logró engarzar esta nueva lucha ecológica por el patrimonio biocultural con las que ya se venían generando en la entidad, en especial el caso del club del golf en Tepoztlán.

El segundo ciclo de protesta abarcó de marzo a junio de 2013. En marzo, abril y mayo de 2013 se iniciaron varias acciones de protesta y de concientización al resto de la población de las comunidades y municipios de la región. Destaca la Caravana por la Vida, el 14 de abril; la movilización en la zona arqueológica de Xochicalco de 2013. Se puede destacar que en dicha caravana participó un grupo de danzantes concheros que realizaron una ofrenda en nahuatl en cada uno de los municipios por donde fue pasando la caravana. Así mismo, en los discursos a cargo de los líderes del movimiento “Movimiento por la vida, No a la mina en Morelos” se destacaban elementos vinculados con la Madre Tierra y frases como “Defenderemos el territorio hasta con nuestra vida”. El movimiento contó además con la cobertura de los diarios locales, las radios locales y una nutrida información en las redes sociales. Puede destacarse la participación de diputados locales del PRD que incluso, parte de sus discursos, se hablaron en nahuatl. Cabe destacar también los foros públicos con diputados, empresarios, académicos y ciudadanos a las que se fueron sumando más organizaciones de todo el estado y organizaciones civiles en contra de minas de otras entidades para exigir al encargado de Semarnat, Juan José Guerra Abud, no autorizar la explotación de la mina Esperanza Silver. Como parte de un ejemplo de la productividad del conflicto se puede mencionar la suspensión del proyecto minero. El 7 de junio Semarnat rechazó, coyunturalmente, el estudio de impacto ambiental por considerar que ahí no se mencionaban los efectos en la flora y la fauna endémicas de esa región. Otra razón importante consistió en que para producir unos gramos de oro se dejaría sin agua a los pueblos vecinos y a la misma capital del estado, Cuernavaca.

El tercer ciclo de protesta es de junio de 2013 a la fecha. En junio de 2013 la empresa Esperanza Silver vendió las concesiones a transnacional Alamos Gold por 45 millones de dólares, dicha empresa cuenta incluso con la certificación de Empresa Socialmente Responsable que no es más que otra forma de generar legitimidad mediante obras asistencialistas que no mejoran la calidad de vida de la población. Mucho menos si las personas adquieren enfermedades en riñones, hígado o cánceres. De esta forma se abre un nuevo ciclo de lucha que fue retomado en 2018 con la Segunda Caravana por la vida donde de nuevo se convocó a la red de organizaciones campesinas, ecologistas, políticos y estudiantes por la defensa del patrimonio biocultural.

#### 4 COMPARACIÓN DE LOS DOS CASOS DE ESTUDIO

La primera observación general consiste en que las empresas canadienses aprovecharon las reformas legislativas para obtener concesiones mineras para fines de exploración y explotación. Los afectados fueron dos grupos étnicos diferentes. Primero, los wixáritari se encuentran distribuidos en cuatro entidades: Nayarit, Jalisco, Durango y Zacatecas, pero acuden a San Luis Potosí, porque ahí se encuentra el lugar sagrado de Wirikuta. Mientras que los hablantes de náhuatl, se localizan los estados de Guerrero, Hidalgo, Oaxaca, Puebla, Tlaxcala, Veracruz, San Luis Potosí, Michoacán, Estado de México, Morelos y Durango. Los perjudicados en el Estado de Morelos fueron los nahuas del Sur de Morelos, poblaciones cercanas a Xochicalco.

La segunda observación, el patrimonio biocultural conforma para los dos pueblos el eje de lucha etnoterritorial. Difiere para los Wirikuta por tratarse de las peregrinaciones que de suyo incorporan elementos de la cosmogonía y de la veneración a los ancestros. Mientras que en el caso de los nahuas y mestizos de Morelos adquiere relevancia por tratarse de una zona arqueológica considerada patrimonio de la humanidad desde 1999 y que aún hasta la fecha es considerado como un lugar sagrado.

En tercer lugar, para fines de análisis ubicamos tres ciclos de protesta que ayudan a comprender los resultados de la lucha de los pueblos originarios en contra de las empresas transnacionales, en especial de la productividad social de los conflictos. En los dos casos los aspectos étnico culturales jugaron un papel importante que, incluso, convocó a otros grupos sociales urbanos a solidarizarse con la lucha de los pueblos indios.

En Morelos, durante el primer ciclo de protestas, de 1980 a 2008, se puede señalar el carácter marcadamente urbano que siguió a la represión desatada durante los años cincuenta al movimiento de Rubén Jaramillo y en los sesenta al movimiento guerrillero de Genaro Vázquez y Lucio Cabañas y se expresó como un movimiento en contra de los proyectos urbanos por la vivienda y por los servicios públicos. La lucha en contra del campo de golf en Tepoztlán se convirtió en una bandera importante de la resistencia. Durante el segundo ciclo de protestas, de 2018 a 2013, adquirieron relevancia la lucha por demandas étnicas y ambientales. La reivindicación de los elementos indígenas, luego de la conmemoración de los 500 años adquirió una re interpretación por parte del movimiento indio. Dicho resurgimiento de las reivindicaciones indígenas adquirieron mayor relevancia con el movimiento zapatista en el sureste mexicano. El movimiento indígena y campesino acumuló entonces la experiencia de varios procesos de recuperación del patrimonio biocultural: contra el campo de golf, en contra de procesos urbanos y centros comerciales, pero sobre todo la experiencia de los 13 pueblos por el agua y en contra de los desarrollos

inmobiliarios. En el tercer ciclo de protesta, de 2013 a la fecha, se ha aprovechado la experiencia previa de varias organizaciones regionales y estatales de modo que al saber de la exploración de la minera Esperanza Silver, amalgama el conjunto de movimientos y organizaciones ecologistas aportando cada una su cuota de experiencia. La lucha por la defensa del patrimonio biocultural logró una importante alianza con varios grupos a nivel estatal y nacional en contra de las minas.

En lo que respecta a la productividad del conflicto, en el caso de la lucha por Wirikuta, se puede afirmar que en virtud de los apoyos recibidos por parte de grupos internacionales y nacionales, los trabajos de exploración se suspendieron, pero no se han logrado cancelar las concesiones mineras. En este sentido se adivina el contubernio y corrupción entre el gobierno y funcionarios mexicanos que no se atrevieron impedir que la empresa canadiense continúe explotando la mina. Mientras que en la productividad del conflicto en Xochicalco, Morelos, se puede afirmar que el movimiento aprovechó una historia previa de luchas, de organización y de solidaridad tejida a través de un denso tejido de organizaciones ambientalistas y académicas en la entidad. A pesar de no haber logrado cancelar las concesiones, aunque a la fecha no han continuado los trabajos de exploración la productividad del movimiento está en la gran capacidad de movilización del tejido de red de organizaciones de apoyo en contra de la minera, el fortalecimiento de la estructura organizativa.

## 5 CONCLUSIONES

En ambos casos, la lucha por el territorio puede identificarse como un nuevo movimiento social que reivindica la demanda ambiental, se trata de una demanda ambientalista que pugna por el respeto al territorio y que, además, es protagonizada por dos pueblos indígenas enfrentados al capital depredador de los proyectos extractivista provenientes de Canadá y apoyados por los gobiernos neoliberales pro neocoloniales.

Desde el enfoque de los marcos culturales podemos afirmar que los aspectos simbólicos y culturales ayudan a explicar y comprender las características de las acciones por la defensa del territorio. En ambos casos el proyecto minero afecta directamente las costumbres y tradiciones, pero en especial, respecto al significado simbólico y cultural de modo que la lucha adquiere un carácter de defensa por el patrimonio biocultural. Asimismo, esta propuesta demuestra que los movimientos sociales no son solamente el resultado de una relación costos/beneficio, sino que contribuyen a la interpretación del conflicto y del sentido de la movilización en sí, a partir de la identidad colectiva.

El contenido profundo que adquiere en los dos casos permite entender el porqué de la continuidad del movimiento, en particular, en el caso de la lucha Wixárika, se trata

de la reivindicación del significado de las peregrinaciones en relación con sus procesos de reproducción social y político a través del sistema de cargos, la veneración de los antepasados y la activación del ciclo agrícola. En el caso de los nahuas de Morelos, la lucha actual por el territorio despierta el recuerdo de un pasado de luchas agrarias desde la Colonia, con Zapata y Jaramillo por la tierra, los montes y agua, y la lucha contemporánea por la defensa del territorio en contra de empresas inmobiliarias, mineras y represas, en este caso, la defensa de territorio vía la reivindicación de la zona arqueológica como parte del legado del patrimonio cultural lo cual despertó la adhesión de una densa red de organizaciones en la lucha por el patrimonio biocultural conformando así un movimiento red.

En los dos casos destaca la reivindicación del derecho colectivo a la tierra, lo cual se opone a la legislación neoliberal que premia la privatización en pocas manos en empresas por acciones cuyos dueños se ubican incluso fuera del país. Este es el caso de Wirikuta pues subraya el sentido profundo de la lucha por el derecho colectivo a la tierra, en particular de los lugares sagrados. En el mismo sentido, la lucha por Xochicalco en contra de la minera Esperanza Silver, también reivindica el derecho colectivo por la tierra, el agua y los ríos rememorando así el legado zapatista. En ambos se trata de la lucha por el patrimonio biocultural que se ve confrontado por los procesos neoliberales de privatización del suelo.

Respecto a la productividad del conflicto podemos destacar resultados diferenciados ya que se trata de dos contextos diferentes. En Wirikuta se partió de una situación de debilidad de las organizaciones defensoras del territorio biocultural hasta la conformación de un frente más amplio y aciertos jurídicos e institucionales. Mientras que en el sur de Morelos, las organizaciones rurales conformadas por una densa red de organizaciones ya contaban con una larga y reciente experiencia de confrontación de Estados promotores del desarrollo inmobiliario de modo que aquí hubo una mayor productividad del conflicto pues en menos tiempo se canceló el permiso a la empresa canadiense. Desafortunadamente, la empresa, ahora con otros dueños, puede presentar de nuevo un nuevo proyecto de impacto ambiental.

Por último, en los dos casos, no existe una solución definitiva del conflicto lo que existe ahora es experiencia de lucha en el terreno económico, jurídico, político, social y cultural en la que los pueblos indios ya no se encuentran aislados ya que han tejido en las dos experiencias de lucha una extensa red de alianzas con otras organizaciones indígenas y campesinas en lucha contra los proyectos extractivista, ambientalistas, medios de comunicación, académicos, entre otros que con seguridad estarán ahí para afrontar el futuro en un mundo incluyente que se capaz de crear condiciones de gobernanza para mejorar el planeta, que es de todos.

## BIBLIOGRAFÍA

Azuela, A., & Mussetta, P. (2009). Algo más que el ambiente. Conflictos sociales en tres áreas naturales protegidas de México1. *Revista de Ciencias Sociales*. Año 1, Núm. 16, primavera.

Boege, E. (2008). *El patrimonio biocultural de los pueblos indígenas de México*. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia: Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas.

Chihú, A. (2006). *El "Análisis de los Marcos" en las sociología de los movimientos sociales*. México: Porrúa - Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa.

Enciso, A. (8 de Agosto de 2011). *Devastación, de la mano de concesiones mineras*. Recuperado el 4 de Abril de 2021, de [www.jornada.com](http://www.jornada.com): <https://www.jornada.com.mx/2011/08/08/politica/044n1pol>

Harvey, D. (2004). El "nuevo" imperialismo: acumulación por desposesión. *Socialist Register*.

Liffman, P. (2012). La territorialidad wixárika y el espacio nacional. Reinvidicación indígena en el occidente de México. Zamora, Michoacán.: El Colegio de Michoacán, A.C./CIESAS.

Merlinsky, G. (2013). *Cartografías del con icto ambiental en Argentina*. Buenos Aires: Fundación FICCUS.

Pacto de Hauxa Manaka. (8 de Abril de 2008). *Periódico Oficial del Estado Libre y Soberano de Nayarit*. Recuperado el 7 de Noviembre de 2016, de <http://wixarika.mediapark.net/>: <http://wixarika.mediapark.net/sp/documents/2.PactoHauxaManaka.pdf>

Snow, D., & Benford, R. (1992). Masters Frames and Cycle of Protest. En A. Morris, C. Mueller, & (eds.), *Frontiers in Social Movement Theory* (págs. 133-155). New Haven: Yale University Press.

Tetreault, D. (2013). La megaminería en México. Reformas estructurales y resistencia. *Letras verdes*. No. 14. Septiembre.

Toledo, V. M. (2001). Indigenous peoples and biodiversity. En S. e. Levin, *Encyclopedia of Biodiversity*. Oxford: Academic Press.

UWACC. (23 de Septiembre de 2010). *Pronunciamiento en Defensa de Wirikuta*. Recuperado el 31 de Octubre de 2019, de Venado Mestizo: <http://venadomestizo.blogspot.com/p/pronunciamiento-en-defensa-de-wirikuta.html>



## SOBRE OS ORGANIZADORES

**SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO:** Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

**GUSTAVO ADOLFO JUAREZ:** Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándose en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Actitudes 217, 218, 219, 220, 226, 227, 249

Agricultura familiar 79, 80, 82, 83, 84, 88, 89, 209

Arabia Saudí 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Artefactos 252, 254, 258

Artefactos calentados 252

### C

Caçara 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 188

Canção 173, 185

Características da Tarefa 260, 261, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 273, 274, 275, 277

Ciudad neoliberal 158, 161, 169, 170, 171

Comunitario 75, 183, 189, 194, 195

Condiciones de producción 18, 20, 22, 26, 28, 92

Condominio 57, 59, 60, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Conflicto socioambiental 90, 96

Conservadores 234, 241, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Cuestión agraria 30, 32, 34, 39, 55

Cultivos 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 19, 20, 22, 26, 44, 50, 52, 62, 127

### D

Datación 251, 252, 253, 254, 257, 258

Desarrollo 3, 4, 15, 17, 18, 19, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38, 46, 49, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 69, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 96, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 160, 161, 218, 219, 221, 222, 223, 225, 226, 247

Desarrollo rural 30, 31, 56, 77, 124

Desenho do trabalho 261, 263, 275, 278

Distrito Industrial 138, 139, 141, 142, 143, 147, 148, 149, 154, 155, 156

### E

Economía agrícola 30, 31

Educación Ambiental 172, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227

Energía solar 105, 108, 109

Espacio público 158, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 169, 170

Estancieros 57, 75

Extractivismo 18, 19, 28, 72, 90

Extractivismo sojero 18

## F

Fatores Locacionais 138

Frente Popular 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249

Fuentes renovables de energía 104, 105, 106, 107, 110, 114, 116

Fuerzas productivas 18, 19, 20, 55

## G

Generación distribuida 105, 112, 115

Geografía urbana 158, 159, 161, 166, 170

Gestión energética sostenible 105

Gestores 63, 79, 80, 107, 171, 172, 260, 261, 262, 263, 266, 267, 269, 270, 273, 274, 275, 276, 277, 278

## H

História 16, 17, 57, 59, 65, 75, 76, 77, 101, 103, 119, 129, 173, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 191, 193, 195, 198, 199, 203, 206, 208, 211, 228, 241, 242, 249, 250, 258

Historia de Chile 241

Historia Local 241, 242, 250

## I

Impacto ecológico 201

Ingeniería genética 18, 19, 25

Instituições 79, 84, 85, 86, 87, 88, 174

Irán 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240

## L

Liberación 98, 189, 191, 232

## M

Mata atlântica 173, 174, 185, 187

Medio ambiente 13, 15, 20, 58, 76, 97, 105, 107, 123, 128, 129, 131, 136, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

## N

Nossa Senhora do Socorro 138, 139, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

Nueva agricultura 1, 11, 12, 15

## O

Ordenamiento Territorial Urbano 117

Organización 34, 37, 38, 39, 43, 47, 49, 50, 52, 53, 56, 62, 66, 72, 76, 93, 101, 106, 109, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 130, 162, 166, 189, 192, 195, 230, 232

Oriente Medio 228, 230, 231, 234, 238, 239

OSL 252, 255, 257, 258

## P

Paraguay 18, 19, 20, 23, 27, 29

Participación 34, 36, 44, 59, 99, 119, 121, 125, 126, 129, 160, 162, 165, 172, 193, 194, 217, 226

Patrimonio biocultural 90, 91, 93, 94, 95, 99, 100, 101, 102, 103

Plan Estratégico 117, 124, 129, 131, 132, 135, 162, 163, 172

Poderes públicos 117, 118, 163, 170

Política Pública 79, 86, 126, 146

Políticas Públicas de Desenvolvimento Regional 138, 139

Povo Truká 201, 208, 209, 210, 211

Primavera Árabe 228, 229, 234, 235, 238, 240

Projeto de Transposição 201, 210

Proprietarios 21, 24, 32, 36, 49, 50, 57, 59, 66, 68, 70, 73, 75, 91

## R

Reforma agraria 30, 31, 32, 33, 37, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 68, 70, 73, 74, 76, 82, 88, 91

Regadíos 1, 3, 8, 17

Rio São Francisco 201, 203, 204, 208, 212, 213

## S

Seguridad/inseguridad urbana 158

Siria 228, 229, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Sostenibilidad 1, 15, 16, 17, 22, 106, 107, 115, 220, 226

Superficie agraria 1

## T

Territorio 4, 8, 19, 54, 70, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 129, 131, 132, 134, 135, 136, 141, 146, 147, 154, 162, 165, 170, 174, 177, 180, 181, 182, 183, 187, 189, 190, 194, 195, 198, 210, 215, 233, 237, 258

## U

Universitarios 217, 221, 226, 227

## V

Verdad 189, 191, 193, 196, 198

Violação de direitos 201

## W

Wirikuta 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103

## X

Xochicalco 90, 91, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102



**EDITORA  
ARTEMIS**